



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 100 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 4\$00.—Semestre 8\$00.—Ano 16\$00.
COLONIAS PORTUGUEZAS: Semestre—9\$50 Anos 19\$00.
ESTRANGEIRO: Semestre 14\$50.—Ano 29\$00.

Redação, administração e officinas: Rua do Seculo, 49 — 115104

Sapataria JANUARIO

Calçado de luxo em todos os generos
pelos mais bellos modelos

MEIAS FINAS

78, R. de S.^{ta} Justa, 80



Corôas

Onde ha o mais chic
sortido e que mais ba-
rato vende, por ter
fabrica propria, e na

Camelia Branca
L^o D'ABEGOARIA, 30
rua Chiado - Telef 3270

PLISSADOS

Em todo o genero, os mais perfeitos
20 anos de pratica

Madame Valente

Conde Barão, 93, 1.^o—Telet. 3845
Filial: C. do Duque, 3, s/l (ao Rocio)

Maquinas e Acessorios Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA

Pedir preços, orçamentos a

C. STFFANINA—39, R. Corpo Santo, 41

O passao, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiro-
mante e fisionomista da Europa

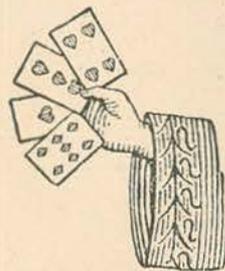
Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro,
com veracidade e rapidez; é incomparavel em
vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias,
quimicas, cronologia e fizio-logia e pelas
aplicações praticas das teorias de Gall, Lavo-
tier, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigney, ma-
dame Brouillard tem percorrido as principaes
cidades da Europa e America, onde foi admi-
rada pelos numerosos clientes da mais alta ca-
tegoria, a quem predisse a queda do Imperio e
todos os acontecimentos que se lhe seguiram.
Fala portuguez, francez, Inglez, alemão, Italiano
e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da ma-
nhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — LIS.



hor. Consultas a 5\$00, 10\$00 e 13\$00.

M.^{ME} VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no
passado e presente e
prediz o futuro.

Garantia a todos os
meus clientes: com-
pleta veracidade na
consulta ou reembolso
do dinheiro.

Consultas todos os
dias uteis das 12 as 22
horas e por correspon-
dencia. Enviar 50 cen-
tavos p^{ra} resposta.

Calçada da Patriár-
cal, n.^o 2, 1.^o Esq. (Coi-
mo da rua d'Alegria,
predio esquina).

Vêr, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS do "SECULO"

Preço: 20 centavo

O melhor reconstituinte para
adultos e creanças é a

Calcina Triplice

Os lymphaticos devem
preferir a **Calcina**
com Iodo; os anemi-
cos, a **Calcina com**
Ferro; os astheniados,
a **Calcina com ar-**
rhenol.

DOENTES

A Moderna Terapêuti a Magnética e Psíquica
Com o auxilio dos me.os FISICOS E REGIMEN
NATURAIS, especificados para cada caso e devida-
mente individualizados, constituem

O tratamento mais racional e eficaz

PARA CURAR qualquer doença orgânica, nervosa
e mental por grave e antiga que seja; assim o tenho
afirmado na minha longa pratica no estrangeiro e
aqui pelas importantes curas que tenho realisado.

Os que estão cansados de sofrer não devem, pois,
hesitar a submeter-se aos meus especiais tratamentos

Psico-físico-magnéticos e dietéticos

De cujos favoraveis resultados me responsabilizo.

P. Indiveri Colucci

T. C. JOAO GONCALVES, 20, 2.^o Esq. — Esquina
da A. Almirante Reis (ao Intendente)

ILUSTRACÃO PORTUGUEZA



RETRATO INÉDITO DA GRANDE
POETISA D. BRANCA DE GONTA
COLAÇO, POR CARLOS REIS

AO ACASO...

ENCONTREI-ME hoje com um escritor de teatro, de quem quiz saber novidades da ribalta. Entre dois cumprimentos ligeiros, ele disse-me que ia tudo mal, «porque, conclui desolado, não ha actores.»

E eu respondi:—o que não ha é publico. E é verdade.

Em Portugal, o que falta é publico em condições. As plateias são banaes, inestheticas e plebeias.

As plateias de hoje não eram capazes de gerar Augusto Rosa. As nossas plateias actuaes seriam impotentos para crear um Brulé ou uma Sarah Bernhardt.

Ferreira da Silva é, já, um deslocado. A Chabi, o que o salva ainda é o lado farcesco da sua apresentação, Amelia Rey Collaço abandonou o seu primitivo plano de nos dar arte superior.

Não havendo publico, não ha autores, nem ha actores.

O teatro, em Portugal, hoje, é a Revista, e não já, a revista de Schwalbach, mas a revista-farça, a revista burlesca, a revista entrudada, a revista-cano-de-esgoto.

Para um publico de requintado gosto, de sensibilidade aguçada, de nervos subteis, a mentalidade portugueza havia certamente de gerar, de formar actores que correspondessem a esse gosto, a essa sensibilidade e a esses nervos.

Um publico de dandys enluvados e correctos produz um dandy. Mas um publico grosseiro não pode dar um Coquelin.

Se ha Palma-Cavallão, é porque ha quem o leia.

Se Oscar Wilde escrevesse o «Leque de Lady Windermere» é porque havia uma sala perfumada e bela para o ouvir e aplaudir.

Uma epoca tem os actores e os autores teatraes que carece.

A epoca de João da Camara e Marcelino Mesquita passou. Julio Dantas ainda vive as ultimas horas dessa epoca, e por isso a su a obra apresenta duas fases bem caracteristicas, a que reflete as horas palidas de uma epoca moribunda, mas ainda brilhante, e a qual sofre a influencia da epoca actual.

A epoca de hoje não vae á «Dôr Suprema», porque se prende com o «Trólaró».

Augusto Rosa morreu a tempo. Grande tristeza seria a sua, se visse que, para manter o seu prestigio na plateia, teria de deixar a encarnação de «D. Cezar de Bazan», para se converter em «comper» grotesco de qualquer revista populaceira.

Não são os actores que fazem o publico. É o publico que faz os actores.

Não nos queixemos da «falta» de actores: queixemo-nos da «qualidade» do publico.

ALFREDO PIMENTA

FOI em casa de uma gloriosa escritora, que a morte levou não ha muito.

Quando entramos estava junto dela uma mulher alta, loira, muito conhecida no nosso meio pela sua fortuna e pela sua beleza, embora acusem esta de ter entrado num periodo... crepuscular. Ostentava naquella tarde um régio casaco de chinchilla.

Entrou pouco depois uma senhora muito das relações da grande escritora, cujo nome contrasta singularmente com o negro producto que acabou de enriquecer o marido... Trazia um belo casaco de marta, que vestia muito bem a sna elevada estatura, e que, pouco antes adquirido, era sempre saudado com pasmadas interjeições quando ela entrava na pequena sala da inolvidavel escritora.

Quando o seu olhar, correndo os circunstantes, se pousou na chinchilla, pareceu nublar-se. Pouco depois, levantando-se, encaminhou-se para uma salinha contigua. E quando a dona das martas, minutos depois, reapareceu... vinha vestida de andar por casa.

MARIA Madalena publicou ha tempos um admiravel livro de versos francezes, a que chamou:—«Le Livre du Passé mort». Alguem, uma mulher, é claro, traduziu assim: «O Livro do Passaro Morto».

Camilo tambem teve, no genero, uma tradução que ficou célebre, A «Le Portugal à vol d'oiseau», da princeza Rattazzi, chamou «Portugal a vôo de passara...» Não admira. A maldade de Camilo tinha muitos traços femininos.

HA ai um escritor conhecido, conhecidissimo, que tem a mania de se espraiaer em considerações filosoficas, intragaveis. Uma senhora que o admira, porque o não percebe, dizia para outra que não o admira, porque o percebe:

—Olha que aquelas coisas que ele diz são interessantes... Parecem aforismos de Gustave Le Bon.

—Credo, filha! O mais que pôdem parecer é desaforismos de Gustávo o Pessimio.

A principio, além de muitos nomes portuguezes que não vêem para o caso, citavam-se, a proposito do malfadado emprestimo, dois estrangeiros:—«Williams» e «Pinder». Um talassa ferrenho dizia a um republicano convicto:

—Vê lá tu! Até com cincoenta milhões de dollars vocês arranjam um contrato pinderico!

REALISOU-SE no Estoril, com enorme entusiasmo. Entre um valentissimo official, juiz de campo, e um titular, filho de riquissimos e illustres titulares, esboçou-se uma scena por aquele não deixar que este fosse para o campo tirar fotografias.

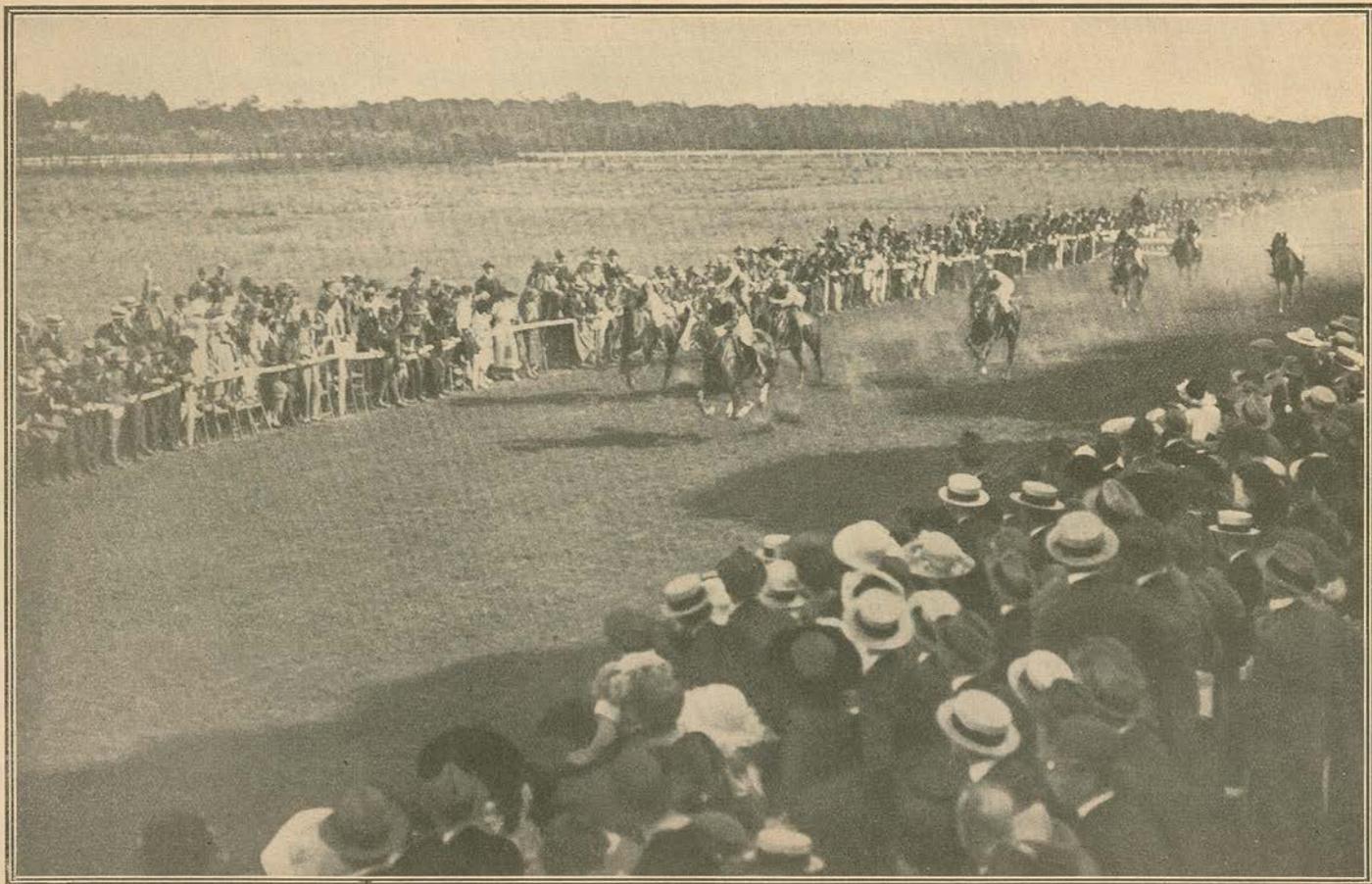
Acalmou-se tudo num instante. Foi um barulho instantaneo, embora com bastante... «pose» por parte do jovem titular.

O sr. Vasco Borges censurava aos dois deputados monarchicos a sua incondicional uniformida de vistas, chamou-lhes «leaders» um do outro.

Carvalho da Silva, levantando-se:

—Pôde ser que tenha razão; mas antes isso, do que ser, como V. Ex.^a, «leader»... de si proprio.

O ACONTECIMENTO DA SEMANA



As corridas de cavalos em Cascals. Uma das fases mais animadas das corridas

(Cliché Garcez)

A ENTREVISTA DA SEMANA

A "Ilustração Portuguesa" entrevista a "Ilustração Portuguesa"

A ENTREVISTA costuma ser a arte de pôr palavras de espirito na boca de determinadas pessoas. Neste caso não é. Mas em qualquer circumstancia, a entrevista é sempre grave, comprometedora e complicada. De duas, uma; ou o entrevistado tem valor, e então ha o perigo de atraiçoar com uma palavra a elegancia de um pensamento; ou o entrevistado não diz nada, não sabe nada, não vê nada e então ha a tortura de inventá-lo, de maquilhá-lo, de vesti-lo, de trazê-lo ao scenario do jornal ou da revista, com interesse, com com novidade, com espirito.

tabelecida... E, «malgré-tout», eu vou dizer-lhes o que me disse o sr. António Ferro:

—Antes de mais nada, eu pretendo modernisar a «Ilustração Portuguesa»: pôr vinte e quatro anos nas suas vinte e quatro paginas... Mais do que o livro, mais do que o teatro, o «magazine» tem que viver a sua epoca, tem que documentá-la, tem que fixar-lhe as memorias. O «magazine» tem grandes afinidades com o cinema. O papel «couché» é o «ecran» dos «magazines». O «magazine» tem que estar certo como a hora oficial. O criterio contemplativo, o criterio ferro-velho de certas revistas, não é o que mais



No gabinete do director da «Ilustração Portuguesa».

Esta manhã, um «coup-de-telephone» annunciou-me que o sr. António Ferro precisava de me falar, no seu gabinete da «Ilustração Portuguesa». O sr. António Ferro, meia hora depois, encarregava-me de fazer semanalmente uma visita e vir contá-la, com inteira liberdade, aos leitores do seu «magazine». Essa visita, dizia o mesmo senhor, tem que focar uma individualidade e mostrá-la ao publico; quem sabe se alguma vez tem mesmo que irritar, ao de leve, um preconceito, quebrar subtilmente uma convenção estabelecida... Eu ouvia o sr. Ferro, atentamente. A sua mascara iluminava-se a cada instante, as suas palavras cortavam o ar construindo planos, traçando orientações. O sr. António Ferro estava a dar-me, sem saber, a primeira entrevista...

Que poderá succeder? Melindrar-se aquela convencional modestia que costumam usar as pessoas graves, irritar o director da «Ilustração Portuguesa»?

Mas — meu Deus — eu podia irritar ao de leve um preconceito, quebrar subtilmente uma convenção es-

convem. Olhe-se com ternura para o passado, não se viva no passado. Assim como o cinema criou uma humanidade fotogenica, o «magazine» criou o seu mundo, um mundo grafico, um mundo que é demasiado vasto para permitir qualquer divagação. O «magazine» é o Concurso Hípico das Horas.

—Mas irá isso a caracter com o nosso temperamento? — E' preciso concluir que nós nunca tivemos um grande «magazine»...

—Sim, adivinhava replica: Portugal é o pais da Saudade, é o pais que faz do passado o seu presente... Concordo. E' preciso, no entanto, para nosso bem, que não seja assim. Integrar Portugal na Hora que passa, é uma obra nacional, uma linda obra a tentar. Lisboa é uma grande cidade que só existe quando ha revoluções. Eu vou tornar Lisboa semanal. «O Seculo», por sua vez, vai fazê-la quotidiana. Brunetiere e Wilde afirmaram, com justa razão, que Balzac inventou o seculo dezanove. Se fôr preciso, a «Ilustração Portuguesa» inventará Lisboa... conseguida essa obra ela não pedirá, sequer, direitos de autor.

Paradoxalmente, o autor da teoria da «Indiferen-

ça» falara com o maior entusiasmo. Eu arrisquei:

— Vae fazer uma «Vogue», uma Plus-Ultra», uma «Esfera»...

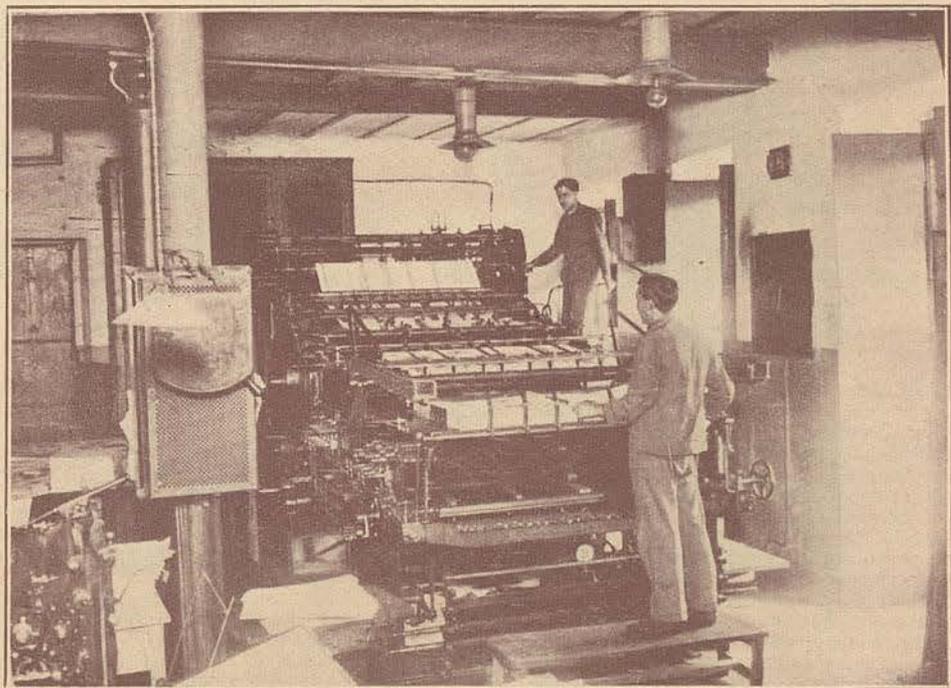
por exemplo, está por descobrir. Encontrada essa linha, Portugal pode ter a sua companhia de bailados, como os russos, bailados modernos, arcoirizados, bailados de côres bôbescas... nas nossas dan-



A tipografia

Sr. Antonio Ferro redarguiu logo:
— Não! A «Ilustração Portuguesa» não esquecerá Portugal. Procurará fazer-se uma revista Europeia mas

ças populares, nos nossos trajes regionais, nos nossos costumes, temos materia prima para estilisações admiraveis, temos tintas de sobra para um grande



A maquina que imprime a «Ilustração Portuguesa»

integrando-se na vida portuguesa. Procurará mostrar Portugal aos portugueses, procurará, com o auxilio de todos, estilisar a raça. A linha do bailado português,

cartaz a pôr na Europa, a pôr no mundo. A «Ilustração Portuguesa», ajudada pelo «Seculo», propõe-se a tomar esta grande iniciativa, propõe-se a ajudar

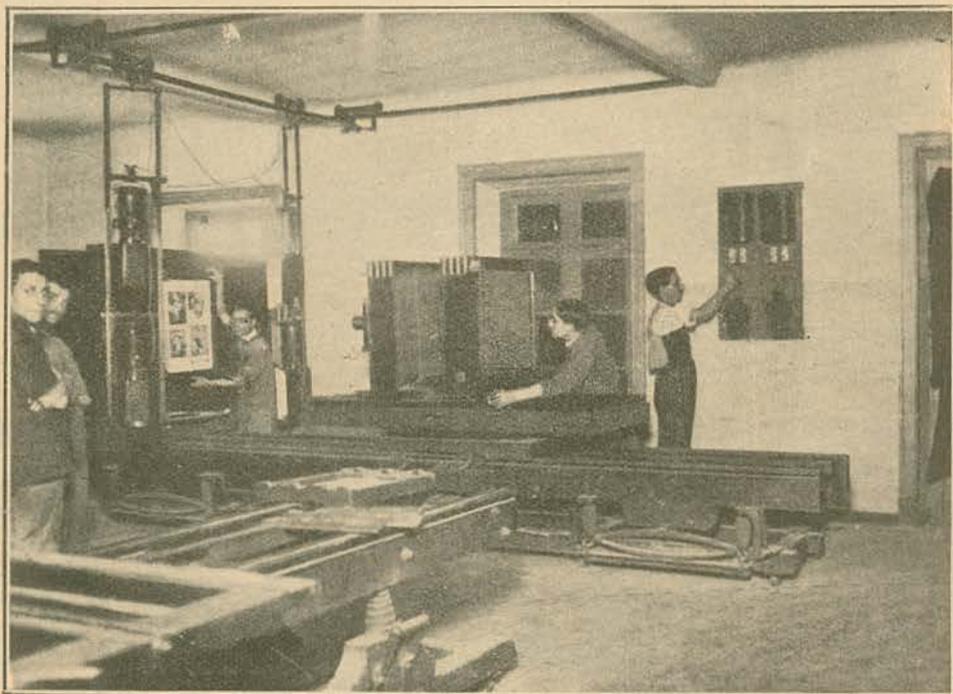
todas as iniciativas que conduzam a esta, Manuel de Sousa Pinto, bacharel formado na Faculdade do Ritmo, iniciará no proximo numero da «Ilustração Portuguesa», uma serie de artigos sobre este projecto que, dentro em mim, é já uma certeza. Portugal, meu amigo, eu já o disse algures, ou será um «baile russo» — ou não será.

Nesta altura quis provocar uma revelação e avancei:

— Um programa não é verdade?

— O programa da «Ilustração Portuguesa» é vasto. Não lhe posso revelar todo, porque a mim proprio ele ainda não foi revelado inteiramente. A minha acção é que mo ha-de confiar, a pouco e pouco. No entanto, posso já informa-lo de que a partir de novembro, a «Ilustração Portuguesa» iniciará nos seus salões uma serie de matinées de arte, que á semelhança das matinées organisadas pela «Comedie Française» constará de pequenas conferencias sobre escritores do seculo dezanove para cá, acompanhadas de recitações e de leituras, por alguns dos nossos melhores actores. A organização dessas «matinées» vai ser confiada a uma comissão de tres mem-

largueza que é preciso assinalar, deu-me plenos poderes para realizar esta obra, esta obra de elegancia, esta obra de illustração portuguesa... Vou mostrar-lhe numa rapida visita, os recursos materiais com que conto, a maquina que imprime a «Ilustração Portuguesa», a oficina de gravura, a tipografia, a fotografia, a sala de desenho. Em todo o pessoal tenho encontrado a melhor disposição para me auxiliar. Nos dois desenhadores Bernardo Marques e Rocha Vieira, encontrei dois colaboradores dedicados, talentosos e activos. Devo dizer-lhe que não conto só comigo. Conto com os novos de Portugal, conto com todos aqueles que dizem mal do que está feito, com todos aqueles que podem fazer melhor. A «Ilustração Portuguesa», pelo facto de ser dirigida por um moder-nista, não será uma revista unilaterial, sectaria, pessoalista. A «Ilustração Portuguesa» é uma revista para o publico. Procurará servi-lo o melhor possivel, procurará satisfazer todas as correntes que se agitam dentro dele. A «Ilustração Portuguesa», reserva-se, no entanto, o direito, de fechar as suas portas a todos os aleijões literarios e artisticos que pretendam transformá-la num hospital. Estou disposto, custe o



Na oficina de gravura

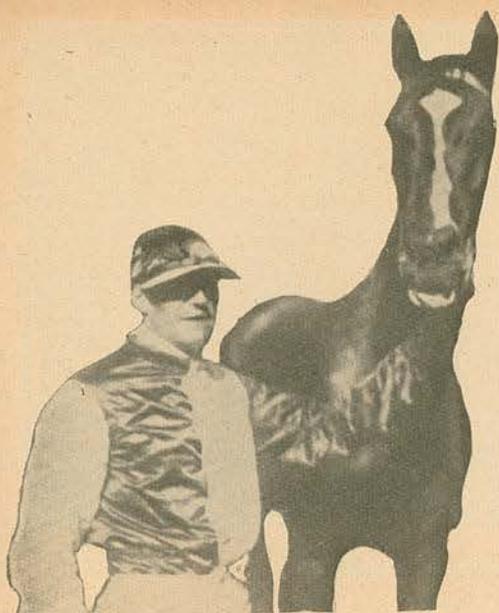
bro, da qual fará parte o director da «Ilustração Portuguesa» um escritor em evidencia, e o illustre critico literario do «Seculo» da noite, Ruy de Veras. A «Ilustração Portuguesa», concluida a publicação do actual folhetim passará a publicar, mensalmente, para ser distribuida, juntamente, com o primeiro numero de cada mez, uma brochura contendo uma peça ou pequena novela. No numero das iniciativas a tomar desde já, posso ainda confiar-lhe que estou na disposição de promover uma grande homenagem ao poeta Eugénio de Castro, uma homenagem nacional, essa homenagem que ainda não foi feita e que, para dignificação de nós todos, tão urgente se torna. Eugénio de Castro é o poeta a quem esta geração deve mais, a quem esta geração deve, por assim dizer a sua propria existencia. Eugénio de Castro foi o santeiro do simbolo em Portugal, o simbolo a quem todos nós resamos, devotamente. Tenho todos os elementos para levar a bom fim os meus projectos. A direcção do «Seculo», com uma intelligencia e uma

que custar, a fazer obra sã, obra vigorosa, obra nacional. E quem tiver duvidas, passe a comprar todas as semanas a «Ilustração Portuguesa»...

Quando, o sr. Antonio Ferro tinha acabado de todo a incandescente «kermesse» dos seus planos, ficára no ar uma dinamisação fecunda, vibrante e um largo halito de novidade e de modernismo. Pela janela, uma mancha doirada batia na casa, espelhava em cada movel, escurria luminosa e quente pelos lambris encerados.

Em baixo, os «pulmões» do «Seculo» respiram fundo — são as grandes rotativas que vomitam em golfadas uma edição da tarde. Aquele ruido atrai-nos. É uma colossal fabrica de movimento e energia. Damos uma volta e vamos ver a casa. «O Seculo» por dentro é uma cidade — com lojas, bairros e arterias elegantes. O Chiado do «Seculo» é a «Ilustração Portuguesa».

O HOMEM QUE PASSA



Eça de Queiroz, vencedor duma das corridas, no «Profond»

EM
CASCAIS
As
Corridas
de
Cavalos



Filipe de Vilhena, no «Gentleman», vencedor da «Steepl Chase»

no

PINHAL MOSEER

CHEGOU, finalmente, a hora civilizada das corridas de cavalos, esse grande luxo da nossa época. As corridas de cavalos, efectuadas nos dias 2, 4 e 6, constituiram, na verdade, um acontecimento. Foi proclamada, enfim, a Europa em Portugal. Na vida portuguesa havia uma grande quietude, uma calma de-

mente, aquelas horas cosmopolitas, aquelas horas que, decerto, não ficarão isoladas...

Lisboa é muito pouco «magazine»... E' preciso que o seja, é preciso que esta cidade se imprima a papel «couché». As corridas de cavalos vão contribuir bastante para isso. E' preciso estar grato aos seus organizadores. O bom acolhimento que tiveram



Um aspecto da assistência

masiada. De hoje em diante, ha outra febre, ha outra ansia, outro movimento. As horas que iam ao passo, começam a galopar, horas coloridas, horas-«jockeys»... As três tardes das corridas de cavalos foram, sem duvida, as mais lindas da *soison*. O entusiasmo da assistência, o sol que presidiu ás corridas, a terra ruiva, as blusas barioladas dos cavaleiros, as «toilettes» estrelajantes das mulheres, coloriram, intensa-

as corridas, leva-nos a crêr, que nunca mais deixaremos de as ter, que nunca mais deixaremos de estar a par da hora... E' preciso que este facto não passe desaperecebido. Ele tem mais importancia do que parece. E' uma era nova que se abre, uma era de elegancia, de bom gosto, de virilidade. Mais do que uma revolução politica, esta revolução mundana pode ter larga influencia nos destinos do país. O que leva

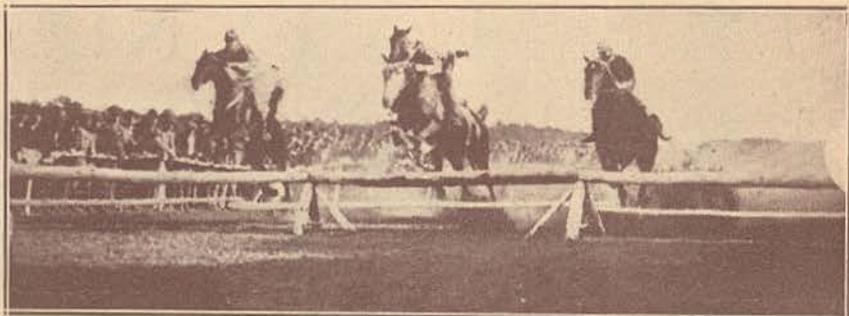
os portugueses a interessarem-se tanto pela política, pela política mesquinha, é não terem mais nada por que se interessem... As corridas de cavalos, os concursos hipicos, os campeonatos de «tennis», de «box», de esgrima, todas as manifestações de sport, abrem novos horizontes, são grandes escolas de ritmo. Mais do que ao corpo, elas dão uma grande agilidade ao espirito. Sob o ponto de vista mundano, também são dignas de louvor estas belas iniciativas. As nossas elegantes teem poucas *vitrines*, posam pouco. E' preciso dar-lhes pretextos, é necessario que elas apareçam, que se criem, entre nós, as celebridades da elegancia.

Ha muitos anos que em Portugal não ha um outono tão animado, tão scenografico, tão aparatoso. A «Ilustração Portuguesa» sente-se feliz por assinalar este facto, por ter occasião de fixar as horas magazinadas que Lisboa acaba de viver em Cascais, que acaba de viver no Estoril, esse Estoril que, dentro de muito breve, será uma sucursal de Lisboa.

Este ciclo de festas ainda não terminou. Esta semana teve já o seu começo o campeonato internacional de «tennis», em que tomam parte, a par dos melhores jogadores portugueses, os campeões de França e Espanha, Sonaseuil e D. Manuel Alonso. Tudo leva a crer que este campeonato resulte um acontecimento, à semelhança do que aconteceu com as corridas de cavalos, que, a despeito do pessimismo de muitos, conseguiram conquistar inteiramente o nosso publico. As corridas de cavalos vão ter em Portugal um grande desenvolvimento, vão, certamente, organizar-se, em temporadas, como nos grandes centros. E' justo salientar a actividade da Sociedade Hipica Portuguesa, uma das raras sociedades deste genero que não se resigna a ter uma simples taboleta A Sociedade Hipica Portuguesa acaba de afirmar a sua vitalidade com a organização das corridas de cavalos. Que a Sociedade Hipica continue a dar-nos as horas hipicas, as belas horas epicas que nos tem dado, são os sinceros desejos da «Ilustração Portuguesa».



Outro aspecto da assistencia



Uma fase das corridas



Um grupo de campinos

MARINETTI

O HOMEM MAIS ASSOBIADO DO MUNDO



O antigo Estado Maior futurista Carra
Boccioni, Russollo

CONHECI Marinetti em Roma, ha perto de um ano. Eu tinha um vivo desejo de conhecer o apostolo do futurismo, esse tenor das ideias modernas, na frase mal humorada de André Salmon. Quasi desisti de o encontrar. Ninguem sabia ao certo onde e'e estava. Marinetti ora está em Milão, ora em Roma, ora em Florença. E' um homem-rapido. Ele não está aqui, nem ali, nem acolá... Ele está no Tempo, ele, está na Hora, na Hora que ha-de vir... As estações de caminho de ferro são as salas de visitas de Marinetti. Para chegar até ele não é preciso cartão, basta um bilhete de gare...

Ao fim de alguns dias de pesquisas inuteis, consegui saber que Marinetti se encontrava em Roma, ha dois dias, num pequeno hotel situado num dos bairros novos da cidade. Para

Uma exposição futurista
nas ruas de Roma



lá me dirigi. Tratava-se de um hotel futurista, dum hotel bastante scenografico, com muitas côres em vez de *maples*... O *hall* em quadradinhos brancos e negros era um jogo de damas, um delicioso jogo de damas, actrizes de cinema, cançonetistas, mulheres de cheque-mate... Marinetti não estava. Entretanto, era esperado. Partia nessa tarde para Milão e de certo, ainda vinha ao hotel antes da partida. Comecei a esperá-lo, a esperar Marinetti, a esperar o dia de amanhã... Na sala de espera, uma mulher loira deu-me esperanças... Era uma loira bastante futurista, com os olhos dinamicos, febris, a agitarem-se, como roldanas... Uma a uma, as horas passavam, passavam sem Marinetti que é incapaz de passar... A hora do comboio avisinhava-se. Entretanto a loira avisinhava-se de mim, desembaraçada, rápida, bastante Marinetti...

Faltavam apenas tres quartos de hora para o comboio de Milão. Resolvi ir á gare, resolvi ir surpreendê-lo com o pé no estribo... Começava eu a pôr em pratica a minha resolução, arrumada já nos meus olhos a desarrumado loira, quando Marinetti me surgiu, um Marinetti corpulento, encarniçado, de bigodes impertinentes, de olhos em liberdade, como as suas palavras. A presença de Marinetti é normalissima. Marinetti veste do alfaiate de todos, usa o meu chapéu, usa as botas de quem me lê...

Os meus cumprimentos, as minhas frases estudadas não produziram resultado algum. Marinetti não tem tempo para ser cumprimentado. Perder um comboio, para ele, seria perder a reputação. Entretanto, apesar da visível impaciência, Marinetti foi correcto, atencioso, agradável, de uma delicadeza sem pontos, nem

virgulas, nem reticencias... Preguntou-me pelo movimento futurista em Portugal. Falei-lhe de Mario de Sá Carneiro, o turista da morte; de Santa Rita Pintor, o adivinho da geração; de Amadeu de Sousa Cardoso, esse

Marinetti, o inimigo da tradição, o autor do «Abas le Tango et le Parsifal», também se «parsifalisa» um pouco, também não resiste á tentação de ir passar o Natal com a família... O futurismo é um belo grito de inde-



Uma dançarina sem descanso



A modista

Quadros de «Gino Severini

boemio das tintas. Marinetti interessou-se, prometeu uma visita a Portugal, lançou-me a ideia de uma série de conferencias no nosso país. Os minutos iam correndo vertiginosos, futuristas. Marinetti tem ainda tempo de me

pendencia intelectual, é um grande passo para a libertação da intelligencia. No entanto, ele não será possível enquanto a ideia de Cristo existir sobre a terra, enquanto houver lagrimas para chorar a morte de Jesus, enquanto

A revolução, quadro de Russolo



pedir a minha direcção, de me prometer o envio de todos os seus livros. Sempre de pé, sempre de pé no estribo, comunicou-me que ia a Milão — a capital do Futurismo — passar o Natal com a família. Marinetti, o demolidor

este Marinetti ou qualquer outro fôr passar o Natal com a família...

E' preciso, porém, estar grato aos futuristas. Foram eles, em parte, que prepararam esta hora, esta hora forte, esta hora mecanica, esta

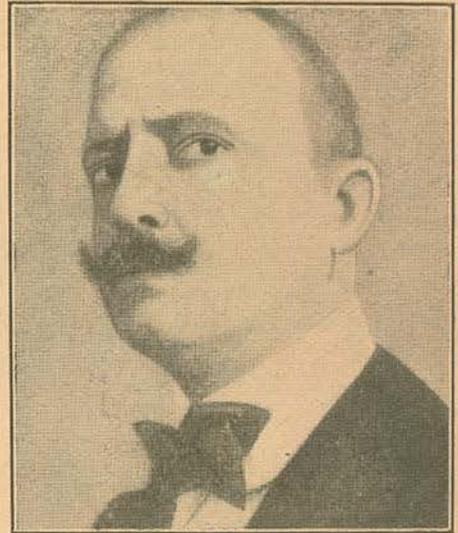
hora-relogio de gare... Não ha o direito de duvidar da sinceridade dos futuristas, da sua fé. Dentro do seu programa de acção, eles bateram-se na guerra, bateram-se valentemente, como se pôde concluir pela lista de mortos e feridos que Marinetti publicou no seu livro «Democrazia Futurista».

Não descansam um momento na propaganda das suas ideias. Marinetti multiplica-se.

tina, todos os creadores, todos os homens que plagiam Deus. Troquei apenas duas palavras com Marinetti. Mais não precisei para ter uma opinião sobre o Homem, esse homem vigoroso, «boxeur» de ideias, que atira palavras como sôcos, que na propria fraqueza de ir passar o Natal com a familia, revelou uma força, a força de proclamar, bem alto, essa fraqueza... De resto, a minha observação, é uma

*a Antonio
Ferro
Car. D'Amico
futurista
DEMOCRAZIA FUTURISTA
F. T. M. avanti,
Corso Venezia 61
Milano*

Um autografo de Marinetti



Marinetti

Hoje em Roma, amanhã em Milão, depois em Paris, fazendo conferencias, atirando panfletos, organizando exposições, arrostando heroicamente, com a incompreensão da turba, intitulado-se, com orgulho, o homem mais assolado do mundo... Milão é um autentico baluarte futurista. No Corso Venesia, 61, está

observação despeitada, invejosa. E' que eu, naquele ano, passei o Natal sósinho, longe dos meus, longe do meu país que é, todo ele, um presepio, com nuvens lindas de algodão em rama, com um sol-menino, um menino Jesus que nos põe a todos numa adoração...

Ao chegar a Lisboa, esquecido já da pro-

| | | | |
|-------------------|--|-----------------------|---|
| CH | EE | R | <i>(Um bilhete de amor escrito por uma mulher futurista a um pasadista)</i> |
| | + baisers + - X + + caresses + fraîcheur | | |
| | beauté élégance 3000 frs. par mois | | |
| | + - + - X + - + bague rubis 8000 | | |
| Al Rrrrrrr | vanitéEEEEEEEEEEEE | + 6000 frs. chausures | R |
| | | Demain chez toi | |
| | | Je suis serieuse | |
| | | dévouée Tendresses | |

instalada a sede do futurismo, uma sede activa, tumultuaria, frenetica, donde saem, diariamente, para todo o mundo, milhares de manifestos... Ha um jornal diario, orgão do futurismo, «Testa de Ferro», dirigido por Mario Carli, um mutilado da guerra. Eu, que tenho um demasiado amor á minha epoca, para ser futurista, admiro os futuristas, admiro Marinetti, admiro todos aqueles que fogem á ro-

messa do futurista maior, encontrei em minha casa, á minha espera (estava vingado...) livros e livros de Marinetti. Num deles encontrei o modelo de bilhete de amor, em futurismo, que reproduzo, um bilhete que poderia ter sido escrito pela loira do hotel, a loira futurista, com os olhos em roldanas e os braços em guindastes...

ANTONIO FERRO



1. A família homero.—2. Um grupo de senhoras da nossa primeira sociedade.—3.—A sr. Duqueza de Palmela, sua filha e a sr.ª D. Maria Alcacovas.—4. O sr. Pondal, 1.º secretário da Legação da Argentina, sua mulher, e o sr. Miguel Anadia.—5. Tenente Cabrita no «Spad».—6. J. Julio Moraes, no «Select».—7. Um aspecto da assistência no «Grand Prix». («Glicê» Garcez)

O CONCURSO HIPICO NO ESTORIL



OS ESTORIS

ESTAÇÃO DE PRIMAVERA ETERNA

D. Ramon Gomez de la Serna, o ilustre crítico e bizarro escritor, nosso amigo e visinho, em um número suplemento extraordinario d'El Figaro, de novembro de 1919, referindo-se à luz de Portugal a cujas praias, de quando em quando, traz a banhar as meninas dos seus olhos enamorados da Côr e do Ritmo do nosso litoral, alvitra que poderíamos em pról do turismo anunciar a nossa luz em grandes cartazes afixados, por todo o mundo, com a seguinte inscrição de tão requintado e espiritual sabôr:

Portugal

LA MAS PURA LUZ DEL MUNDO
LA LUZ PARADISIACA
LA LUZ QUE NO HACE DANO A
LOS ESPIRITUS MAS DELICADOS
LA MEJOR LUZ
PARA LA CURACION DE LAS
HERIDAS ESPIRITUALES

Quando um estrangeiro ilustre, como seja o da autoria do referido artigo, cuja bagagem literaria já

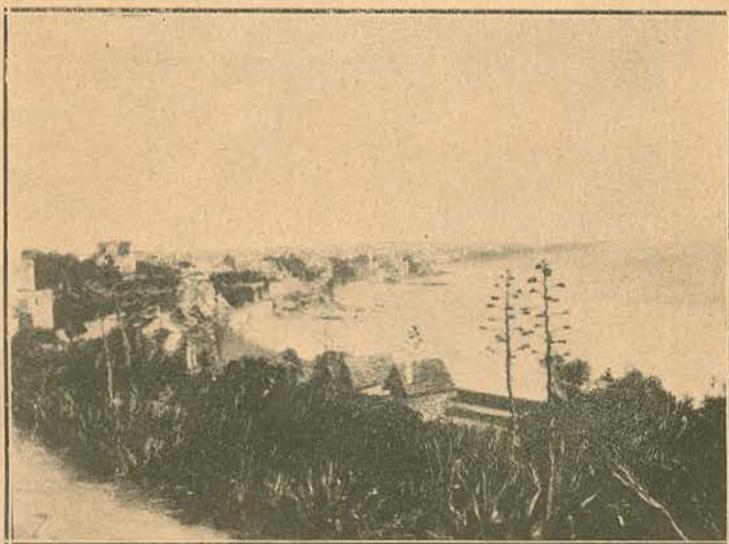
conta duzia e meia de obras valiosissimas, se refere em termos tão lisongeiros ao principal factor climaterico de um país, que lhe não foi berço, é que realmente ele se impõe por sua própria natureza privilegiada e rica.

A Costa Azul de Portugal, superior à Côte d'Azur da França pela sua amplitude icnográfica, tem nos Estoris o máximo do seu esplendor em luminosidade,

O combóio, meia via beira Tejo, meia via beira Oceano, que nos traz de Lisboa, a decantada das sete colinas em plinto de mármore e granito, ofegante, sobérbo da sua musculatura d'aço e triunfal, pára, enfim, em S. João do Estoril. Enseada Azul... Um silvo agudo, flécha no espaço d'oiro, parte da guela em ferro da locomotiva e eil-a que segue ovante, por curvas rítmicas, em direcção ao Estoril.

O mar, de um azul esmalte, quebra-se todo em espuma de neve na praia d'oiro. E o amontoado da casaria, impante de gôso, esboça um sorriso ao sol. Uma palmeira, um cédro e uma acacia aqui e além despertam em nós a evocação dos ninhos. Papiolas em brasa e malmequeres em chama, piscam seus olhitos de flôr no decorrer dos caminhos. E um ar adolescente de seiva luxuriante, germina lascivo dos flancos da terra. Em poeira d'oiro na estrada ladeando a praia, esbelto boieiro de lirico gesto conduz, aguilhoando os mansos bois arquejantes a carrada, chiando nos eixos, a trasbordar de algas marinhas e musgos. Um arôma de marezia perfuma o espaço virgem e aos lábios sanguineos das moçoilas garridas aflora e cresce um apetite de beijos. Aspira-se ar puro a plenos pulmões e uma benção do Ceu cai sôbre as cousas.

Uma alminha de Deus, perfilada, com a aparência



A praia
do Monte Estoril

de uma boneca de chumbo, a uma passagem de nível, de bandeirinha verde em punho, passa vertiginosa e deslumbrante pela retina emotiva de um bebé à janela de um dos compartimentos de primeira classe.

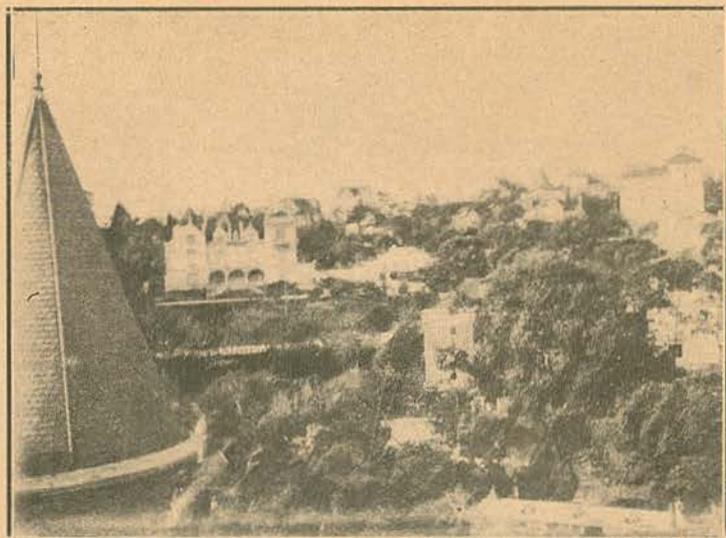
Em estilo à antiga portuguesa, uma ou outra habitação se destaca com seu alpendre, nicho e azu-

habitantes se impôz e escapou incolume só pelo que representa, talvez, de tradicional e artístico.

A estrada nacional prolonga-se agora, coleante, pelo sopé do Monte.

Casal de S. Roque entre muros e alpendres. Alpen-dres e muros entre heras e glicínias. Rosas sobre

Monte Estoril



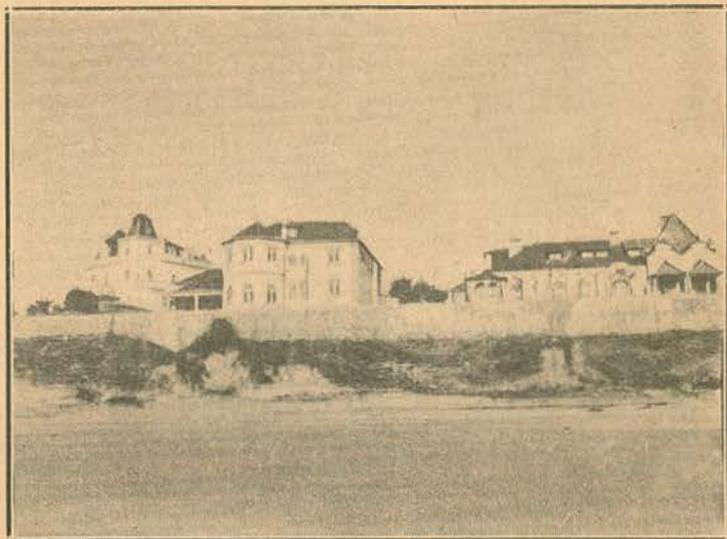
lejos pintados, d'entre a vulgaridade plebeia das demais moradias.

De Cascais a bahia explende ao fundo!

O eco de um eco vibra perenemente no espaço.

colos, colos sobre mirantes, mirantes sobre o Mar.

Monte Estoril!... Um novo silvo e um novo arranco da locomotiva põem novamente em marcha a grande cobra de ferro e aço.



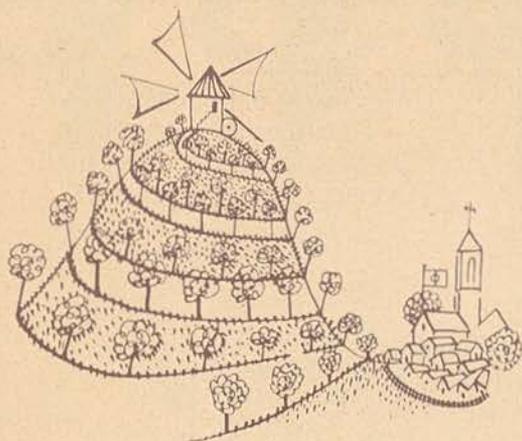
«Chatets» do Monte

Estoril!... Estoril!... Um novo silvo rebôa cortando oiro e azul. Marulha o mar a dois passos. A igreja de Santo António, alvejando com seu adro festivo e domingueiro, põe no conjunto a nota mística da sua graça, frente a um padrão encimado por uma corôa real que à humildade indígena dos

O Monte é todo um jardim. Lá baixo a praia é um suspiro de Deus.

Esguia canôa ao largo, pandas as vélas, voga branda e lenta com a magestática mansidão de um cisne. E na linha brumosa do horizonte, tenue nuvem de fumo se evola de um cinzento vapor que, à distan-

O VELHO, O RAPAZ E O BURRO



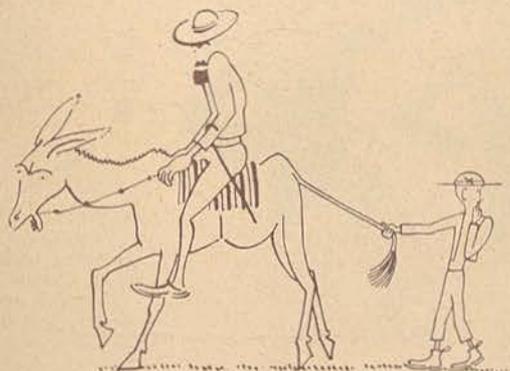
II

Encontra uns homens que dizem :
— Olha aquele, que tal é!...
Montado o rapaz que é forte,
e o velho, tropego, a pé! —



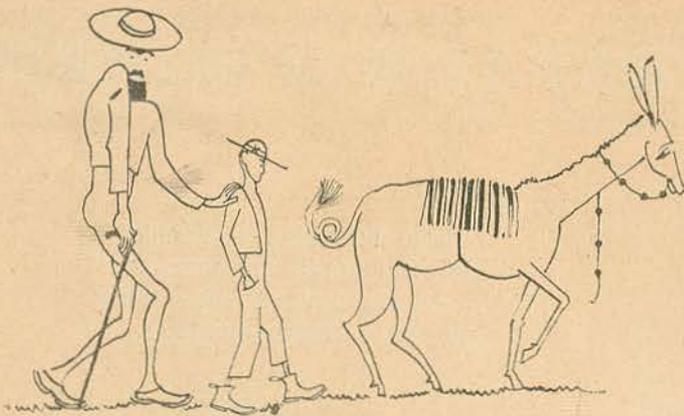
IV

Monta-se, mas dizer ouve:
— que patetice tão rata!
O tamanhão, de burrinho,
e o pobre pequeno, á pata!



V

— Eu me apeio, — diz, prudente,
o velho de boa fé;
— vá o burro sem carrêgo,
e vamos ambos a pé. —



VI

Apeia-se, e outros lhe dizem:
— Toleirões, calcando lama!
De que lhe serve o burrinho?
Dormem com ele na cama?

VII

— Rapaz, diz o bom do velho:
— se de irmos a pé murmuram,
ambos no burro montêmos
a ver se inda nos censuram.



VIII

Montam, mas ouvem dum lado:
— Apeiam-se, almas de breu!
Querem matar o burrinho?
Aposto que não é seu!



IX

Diz o velho: Têm ralhado
de tudo. Que mais nos resta?
Peguemos no burro às costas,
 façamos ainda mais esta. —



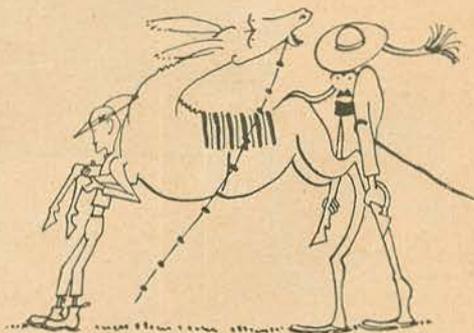
X

— Olhem dois loucos varridos! —
ouvem com grande sussurro,
— fazendo o mundo às avessas,
tornados burros do burro! —

XI

O mundo ralha de tudo,
tenha ou não tenha razão.
Aqui lhes fica u'na historia
em prova desta asserção.

almada





OS TEATROS

TIC-TAC-TIC-TAC

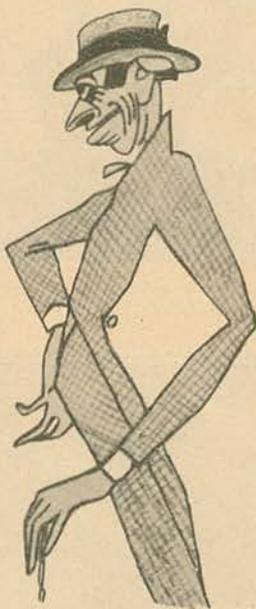
As revistas portuguesas são todas, mais ou menos, tiques-taques. Este *Tic-Tac* do Eden, se não é um *Ti-Tac* de pulso, é, pelo menos, um *Tic-Tac* despertador...

As bailarinas belgas quando atiram com as pernas ao ar, fazem-no com o evidente desprendimento de quem não se importa de ter de as ir apanhar de pois...

REVISTA deve ser sinonimo de balburdia! Os fadinhos langorosos que de quando em quando surgem nas revistas, aborrecem-me, como quando encontro um cabelo na sopa, ou tenho de concentrar tristeza para uma visita de pezames. Mas para que hão-de as revistas ter um fumo no braço?

TENHO tanta estima por um *compere* de revista como por uma tia velha que me tivesse contado historias em pequeno.

As nossas graciosas coreistas bailam... E dizem ás outras, bailando:— Lá te enganaste!... Olha que agora era a perna esquerda!...

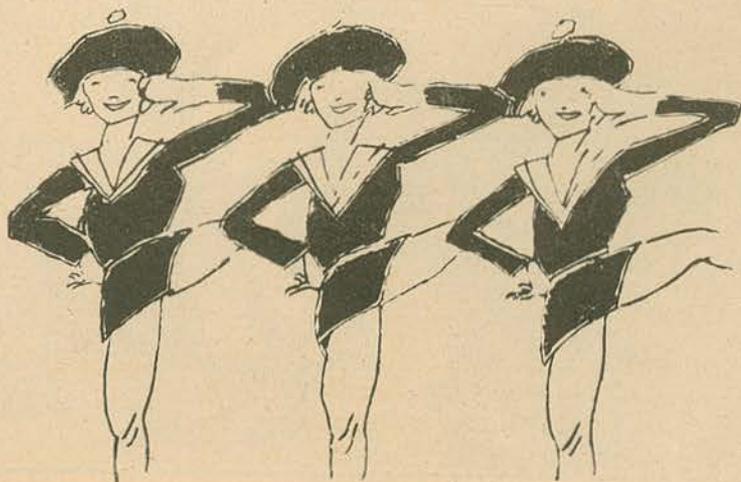


O nosso publico já não pode dispensar as bailarinas belgas. Qualquer dia são promovidas a nota regionalista.



No *Tic-Tac* ha um quadro feliz, o quadro passado nos bastidores dum teatro. Dizem que não é original. Que admira que um quadro de revista seja um quadro revisto?

ZULMIRA Miranda na *Triste Feia* consegue ser bonita. Tem tanto o receio de que o publico tome o seu papel a serio, que faz todos os esforços por não ser triste nem feia...



O Ghira quando viaja, viaja encaixotado e por partes, como as maquinas que veem de fora... As revistas em que ele entra são as mais dificeis de montar...

EMA de Oliveira é uma estrela caída...

TIRA—LINHAS

(Desenhos de Cottinell Telmo)

UMA FESTA DE CARIDADE



A' espera do «fox-trot»



A senhora duqueza de Palmela vendendo rifas ao senhor conde da Ponte. Ao centro a senhora heroneza de Rezende («Chichés» Garcez)

NO PARQUE PALMELA



M.elle Heredia, M.elle Gordon e os senhores A. Burnay, D. Miguel de Sá Paes do Amaral (Anadia), D. João de Lencastre e Luiz Trigueiros



As senhoras D. Maria Belmonte, D. Luiza Palmela, M.elle Pinto Basto, D. Tereza Pinto Coelho e o senhor conde de Castelo Mendo («Clíchés» Garcez)

A MISERIA NA RUSSIA



Um grupo de crianças russas deante dos correspondentes dos jornaes americanos que lhes acabam de distribuir mantimentos

CHEGAM até nós, nas fotografias e nas cartas que os correspondentes de jornaes americanos enviam, echos apavorantes da tragedia russa; agora no mar encapelado de odios em que se afogou a velha aguia dos czares, surgiu de foice erguida o fantasma espectral da fome.

Um grupo de jornalistas inglezes e americanos, tendo conseguido autorisação dos soviets para vizitar Stavropol, partiu num vapor-sito amavelmente cedido pelas autoridades. A discretas instancias do capitão, adquiriram algum pão para os tripulantes; custou-lhes apenas 6 dollars e tal, quer dizer, 250.000 rubros.

A' chegada, no caes, ficaram surpreendi-

dissimos de encontrar uma montanha de sacos de trigo; guardava-os apenas uma sentinela. E a dois passos, faminta, uma multidão silenciosa olhava aquele tesoiro que lhe mataria a fome. Não a detinha o medo. Tratava-se do trigo das sementeiras; da possivel abundancia futura. As mães apertavam mais os filhos, cujas mãos descarnadas mal podiam segurar umas codeas negras, bolorentas.

Compadecidos, os jornalistas falaram-lhes, animaram-nos, prometeram a caridade distante da America. Um raio de esperanza brilhou, por um momento; mas se um inverno prematuro congela o Volga, ou um ano máu cae sobre a Russia, quem pôde prever a que ponto subirá uma desgraça que é, já hoje, uma das maiores tragedias da humanidade.



Camponeses russos vindos dos territórios onde grassa a fome e que acabam de expôr a sua miséria aos jornalistas americanos

ACTUALIDADES



Mademoiselle Maria da Conceição Sarmento Cohen, gentil filha do sr. Benjamin Cohen, que, felizmente, sem graves consequências, caiu dum cavalo em que se treitava para o concurso, tendo sofrido a fractura dupla dum braço



João Ribeiro Lopes, actor, e sua esposa, Liez Rangel Ribeiro Lopes, recentemente consorciados no Rio de Janeiro



A sr.ª D. Tomasia Gomes de Sousa Costa, mãe do illustre escritor Sousa Costa, falecida em 11 de setembro



Fernando de Freitas, 2.º cabo de polícia n.º 228, que por ocasião dos últimos temporaes, prestou relevantes serviços, salvando varias pessoas. Tendo recolhido a casa resolveu limpar a pistola, tendo-se-lhe esta disparado e dando-lhe morte instantanea

